

A DANÇA DAS LETRAS¹

Darlene V. Gaudio Angelo Tronquoy²

*Nos reconhecemos no chiste...porque o chiste vem do que chamei de
lalíngua...nós nos reconhecemos no chiste, a gente escorrega nele...
Jacques Lacan*

Precisei (re)iniciar esta comunicação considerando uma pergunta levantada em nossas – da ELPV, ELP-Brasília e ELP-RJ – últimas jornadas sobre o passe que me atravessou: «A psicanálise ainda é subversiva?» Essa interrogação me remeteu a uma passagem de Lacan em seu Seminário «*L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*» (1976-77, p. 81) na qual ele diz:

Se você é psicanalista, você verá que esses *forçamentos* pelos quais um psicanalista pode fazer soar outra coisa, outra coisa que o *sentido*, pois o sentido é o que ressoa a partir do significante, mas o que ressoa, isso não vai muito longe, é muito mole, o sentido tampona, mas através do que chamamos *escrita poética*, você pode ter a dimensão do que poderia ser a *interpretação psicanalítica*.

O que assim nos indica Lacan está no centro mesmo do que quero abordar.

Sabemos que um sujeito, o *falasser*, só pode advir na medida em que seu naco de carne é tocado pelo corte do significante fazendo cair, nessa operação, o objeto *a* que será, para sempre, sua causa. E para que a carne se faça corpo, sabemos também que *lalangue* desempenha aí sua função: a sonoridade do significante inscreve na carne letras sem sentido sem o quê a marca do humano não se imprime. No entanto, são letras em «instância» que, encapsuladas, aguardam que

1 Texto apresentado no VIII Congresso Internacional de Convergência-Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, *QUAL ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA NA ATUALIDADE?*, 24, 25, 26 e 27 de maio de 2023. Grupo de trabalho «Estilo em Psicanálise»: Ruth Ferreira Bastos-ELPV, Darlene Gaudio A. Tronquoy-ELPV, Inezinha Brandão Lied-Maiêutica Florianópolis - Instituição Psicanalítica, Luciana Vila Lima de Menezes-ELPV, Luíza Bradley-Intersecção Psicanalítica do Brasil.

2 Analista Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória (AME), graduada em Psicologia, Mestre e Doutora em Letras pela UFES, organizadora do livro *Adolescência, violência e a lei*. Ex professora universitária e colunista do jornal A TRIBUNA (2015-2018). Autora de diversos artigos publicados nos campos da Psicanálise e da Literatura. E-mail: darlene_angelo@terra.com.br

algo possa vir libertá-las do sentido a elas conferido pelo drama individual, seja do neurótico, do perverso ou mesmo o do psicótico.

O significante, pois, seja com sua sonoridade seja com o sentido, advindos do Outro, modelam, esculpem o organismo fazendo-o um corpo, erotizado, mas fixando numa maneira de gozar que acompanhará para sempre um sujeito. É a «fixação» com a qual a maioria dos humanos encontra seu lugar, ainda e mesmo que vacilante, na vida, mas que o «embota» condenando-o a uma repetição viciosa que o impede, não raro, de avançar, de criar, de «fazer de outra maneira» na vida amorosa, no trabalho, em suas relações com o outro e consigo mesmo.

Inúmeras são as saídas buscadas para a dor de existir inerente e ineliminável de nossa condição. Em nossos dias, a «saída química» parece ser a mais procurada, pois se trata, como já nos indicou Freud, do meio mais eficaz contra o mal-estar, contra a dor da alma. Além dela, conhecemos bem o triunfo atual das terapias de toda ordem que têm dominado, no âmbito da saúde pública, os programas de saúde mental: a psicanálise, com seu discurso «desagradável», porque trouxe e traz à cena o «imundo», o do quê nada se quer saber, tende a ser recalcada, banida, no social e mesmo no plano das buscas individuais. As promessas de bem-estar e felicidade têm vencido a luta!

Por isso mesmo, cabe aos analistas o testemunho de que isso, a psicanálise, opera, funciona, e pode, sim, ser subversiva! Podemos nomear mesmo de um «dever ético» desses que puderam, que suportaram, durante anos, a experiência de uma análise, trazer para a cena do mundo esse ponto da subversão, de margem de liberdade que uma análise pode introduzir em nossa experiência de sujeito, pois nossos analisantes, ainda que os efeitos de suas análises se espalhem vida adentro e munda afora, via de regra, se vão sem o compromisso com a transmissão da psicanálise. Como nos diz Lacan, «Uma psicanálise normalmente chega a seu termo sem nos informar grande coisa sobre o que nosso paciente herda propriamente»(1998, p. 267). Talvez por essa, e outras razões, Lacan tenha inventado o «Passe»: ele esperava que esses que pretendem ocupar o lugar de analista para um outro pudessem «nos informar» algo do que se passa em uma análise trazendo, para a psicanálise, a sua pedrinha.

«O Passe» [nos diz ele] de que se trata, eu não o considere senão de forma tateante, como algo que não quer dizer outra coisa que de «se reconhecer entre as noites»³ [« *se reconnaître entre s(av)oir* »], se assim posso dizer, à condição de que aí insiramos um «av» após a primeira letra: «reconhecer-se entre *s(av)oir*» (LACAN, 1976-77 p. 65).

Tratava-se, para Lacan, de que, nesse dispositivo, fosse possível recolher os efeitos reais da letra na medida em que, destacá-la, numa experiência de análise, isso faz a borda do furo no saber: é isso que a letra desenha fazendo litoral entre gozo e saber (LACAN, 1971, p. 82).

O trabalho de análise, pois, do qual pode advir um analista, pode promover uma dança, um movimento das letras antes fixas, permitindo um bailado, ou um poema, uma invenção. Lá, por exemplo, onde um «atrevida» conjugava, amalgamava um sujeito ao objeto da demanda do Outro lhe dando consistência, por um equívoco, por um efeito de transliteração, advém «Art/est/vida», letras dançantes que fazem ressoar outra coisa abrindo uma brecha pela qual escoo algo de um gozo medusante e sintomático. O efeito? da fixidez do sentido ao movimento poetisante da letra real que fura o semblante: a «fixão» advém «ficção», pois a letra no que ela dança, se desloca, se descola do sentido, faz sua «*rature*», indicando que o *Outro, A mulher*, não existe, e «A mulher – eu insisto – que não existe, é justamente a letra, a letra na medida em que ela é o significante de que não há Outro, S(A)», como nos diz LACAN (1971, p. 75).

Disso, de arrancar do corpo uma letra que se escreve, depende a construção de um estilo que poderá sustentar uma ética, a de *um* psicanalista, a da psicanálise, a ética de um desejo advertido, divertido, porque capaz de inventar, ao menos o *um* modo de operar, na clínica como na vida!

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. *D'un discours qui ne serais pas du semblent*, 1971, versão Staferla.

_____. *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, 1976-77, versão Staferla. _

³ A homofonia entre « *se reconnaître entre s(av)oir* », em francês, se perde no português: «se reconhecer entre as noites», mas fica valendo a beleza do efeito de tradução que surge no português.